

Comentário do Gestor

Fevereiro foi um mês negativo para o mercado de renda fixa, com inflação americana acima do consenso, surpreendendo mercado, e mercado de trabalho pressionado, reprecificando a curva de juros americana. No início do mês, a curva de juros previa 6 quedas durante 2024 e, ao fim de fevereiro, entre 3 e 4 quedas. Apesar das *treasuries* desvalorizarem, os ativos de risco performaram bem durante o mês. Os spreads de crédito fecharam; as bolsas americanas atingiram suas máximas, impulsionadas por Nvidia; assim como o *bitcoin*, pela perspectiva de aumento da base de investidores, após SEC aprovar negociação de ETFs da criptomoeda à vista. O Brent voltou para níveis acima de US\$ 80/ barril, após promessa de redução de oferta pela OPEP.

As emissões de bonds foram outro fator de pressão para a curva de juros americana, acompanhando o ritmo de janeiro. Estas *new issues*, tanto de soberanos, como corporativos, levando em consideração o atual nível dos juros americanos, tiveram forte demanda e as ofertas foram plenamente absorvidas. As emissões soberanas LATAM neste início de ano foram: Brasil, México, Chile, Panamá e Paraguai. Em relação aos corporativos, estreias no mercado internacional, com sucesso, de 3R e Ambipar, e nomes já experimentados, como Bimbo, Ecopetrol, BBVA Peru, Codelco, FS Bioenergia, CSN, Cosan, Raízen, dentre os mais conhecidos.

Neste mês, o vértice de 2 anos da curva de juro americana abriu 41 pbs (pontos base) e o de 10 anos, abriu 34 pb. No mercado de renda fixa, os principais índices fecharam spread, em linha com os índices acionários: risco país do Brasil (CDS de 5 anos) recuou de 139 pb para 126 pb, spread do índice de bonds corporativos da América Latina, compilado pela Bloomberg, de 431 pb para 407 pb, e o spread dos títulos americanos de alto rendimento dos EUA (US High Yield) de 361 pb para 339 pb. O DXY (Dólar Index - cesta de moedas contra o dólar americano) avançou em torno de 1%, e BRL recuou 0,4%. S&P 500 a +5,2%, Nasdaq a +6,2%, foram os principais avanços no mês, puxado pelos resultados das *techs*, enquanto Ibovespa avançou 1,0 %. O benchmark de volatilidade do S&P 500 (VIX) recuou de 14,35 do mês anterior para 13,40 no final de fevereiro.



Nos Estados Unidos, a atividade continua forte, mas em leve desaceleração, como reportado nas vendas no varejo e produção industrial de janeiro, em território negativo na comparação mensal e abaixo do esperado pelo mercado. Na comparação anual, varejo em leve elevação (0,6% a/a), enquanto produção industrial está estável. O PIB do 4º tri em sua segunda revisão registrou 3,2% t/t anualizado, ante 3,3% da leitura anterior, pela revisão baixista de investimento em estoques privados.

Os dados de inflação referentes a janeiro, pela sazonalidade do período, surpreenderam os economistas. O CPI recuou de 3,4% a/a em dezembro para 3,1% a/a em janeiro, ante consenso de 2,9% a/a, e o núcleo se manteve estável em 3,9% a/a, ante consenso de 3,7% a/a, por maior pressão nos serviços, um incômodo uníssono aos *policymakers* ao redor do globo. Já o PCE, preferido do Fed, recuou de 2,6% a/a em dezembro para 2,4% a/a em janeiro, em linha com consenso. O núcleo também veio em linha, recuando de 2,9% a/a para 2,8% a/a. Acreditamos que inflação continuará sua tendência de queda, tudo mais constante.

Já o mercado de trabalho continua pressionado, com criação de vagas recorrentemente acima do consenso. Em janeiro, foram criadas 353 mil vagas, com taxa de desemprego de 3,7%, ratificando a robustez, e um novo tema de discussão dos Bancos Centrais deve ser se é uma mudança estrutural, e se irradia ou não para a inflação de serviços, mais sensível à renda, que vem rodando a níveis elevados. Em relação à política monetária, o principal destaque foi a fala recente de Raphael Bostic em um *paper* pelo Fed de Atlanta, onde disse esperar que o primeiro corte seja no terceiro trimestre, seguido de pausa na próxima reunião, mostrando parcimônia, e em linha com outros membros que parecem querer postergar ao máximo o início do ciclo de corte.

No resto do mundo, a China tenta manter sua economia rodando a níveis próximos de 5%, com estímulos ao setor imobiliário, que vem convivendo com temores referentes à sua sustentabilidade, assim como os estados. Essa preocupação provocou a queda do minério de ferro durante o mês e deixou o mercado em *stand-by* para uma resposta do Governo local. Mais recentemente, em reunião recente do Governo chinês, os estímulos acabaram desapontando o

mercado, que esperava algo maior e mais contundente. Assim, mercado continua a perceber a China como exportadora de deflação.

No México, a inflação continua a rodar acima da meta, com índice cheio a 4,40% a/a e núcleo a 4,64% a/a, adiando os cortes de juros pelo Banxico, que deve começar em breve, mas sempre esperando uma definição do Fed, pela sua ligação com a economia americana. O PIB registrou crescimento de 3,2% no ano de 2023, e no futuro, com avanço do *nearshoring*, política fiscal relativamente controlada, e investimento maciço em infraestrutura, devem manter a atividade em alta e o país como um dos preferidos pelos investidores no Mundo. Um ponto de atenção são as eleições no meio do ano, em que a candidata do atual presidente AMLO, se encontra na liderança folgada.

Em contraposição ao México, Chile e Colômbia começaram seus ciclos de corte de juros. O Banco Central do Chile, voltou ao *pace* do início do corte, 100 pbs, depois de ter diminuído para 75 pbs e depois para 50 pbs, e agora o juro de referência se situa em 7,25%, dos iniciais 11,25%. A queda consistente da inflação, que registrou 3,9% em 2023, abaixo de 4,5% esperada pela instituição, abriu a porta para a aceleração. Já o BanRep trabalha com mais cautela, até agora com duas quedas de 25 pbs, pela inflação estar rodando em níveis próximos a 10% a/a, por política governamental de correção do salário-mínimo em dois dígitos.

No Brasil, a MP enviada por Haddad na virada do ano que tratava da desoneração continua a ser o principal assunto na relação entre Congresso e Executivo, que pretende resolver essa questão em março. Além disso, as emendas de comissão vetadas pelo Executivo podem ser uma barganha, como forma de persuadir os parlamentares. O mais provável é negociarem e acharem um meio do caminho, tanto em relação a desoneração fiscal, quanto as possíveis contrapartidas financeiras, de forma a não prejudicar o fiscal. Do lado positivo, dados de arrecadação de janeiro e fevereiro surpreenderam positivamente e o contingenciamento previsto para março pode ser adiado e provavelmente menor do que o previsto anteriormente.

Em relação à atividade, a produção industrial surpreendeu e veio acima do consenso, enquanto vendas no varejo vieram abaixo do esperado. Os dois ainda se situam em território

positivo na comparação anual, mas em desaceleração. A atividade mensurada pelo Banco Central registrou avanço de 1,36% a/a em dezembro, ante 2,38% a/a de novembro (revisado de 2,19% a/a) e acima do consenso de 0,45% a/a. O PIB oficial do 4º trimestre ficou estável frente último trimestre e registrou 2,9% no ano de 2023, com queda mais recente do agronegócio, pela queda nos preços dos grãos, e uma surpresa positiva em formação bruta de capital fixo (+0,9% t/t), após seguidos trimestres negativos.

Quanto à política monetária, o IPCA registrou 4,51% a/a, mas com inflação de serviços, aquela mais sensível à política monetária, rodando acima de 5%. As projeções futuras continuam em queda, com IPCA de 2024 estimado pelo Focus em 3,76%, colocando o Banco Central em situação confortável para distensão monetária. Em discussões mais recentes, Galípolo, provável futuro presidente da instituição, citou que a retirada do plural em “redução de mesma magnitude nas próximas reuniões” pode gerar penalidades nas expectativas futuras e que “Por enquanto, acho que foi um guidance que deu bastante certo”. Apesar de ser conhecido como heterodoxo, ele continua firme na ortodoxia ao tratar de política monetária no Banco Central.

Desempenho do fundo

O fundo teve rentabilidade de 1,36% no mês, ante CDI de 0,80%. Nos últimos 12 meses, o fundo valorizou 15,19%, contra um CDI de 12,74%, equivalente a 119% do CDI. A volatilidade para esse mesmo período ficou em 3,64%. O fundo está com sua duration consolidada em 5,5 anos e uma carteira de bonds com yield de 7,86% em dólares. As maiores posições do fundo são: Brasil (soberano), Banorte, Cosan, CSN e Tupy.

Salientamos que o fundo está bem posicionado para enfrentar os desafios de curto e médio prazos e que nossa gestão continua especialmente ativa, pronta para agir caso o cenário corrente se desvie de nossas expectativas de mercado.

OBJETIVO DO FUNDO

O fundo Octante Crédito Privado II FIC FIM IE prevê a aplicação de no mínimo 95% do seu PL nas cotas do Octante Crédito Privado Master FIM IE, que tem como objetivo rendimentos superiores ao CDI no longo prazo, através de investimentos em *bonds* corporativos e soberanos da América Latina, concentrado em Brasil, com proteção cambial.

HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

Retornos mensais	Fundo	CDI	%CDI
Desde o início	45.02%	35.46%	127%
Últimos 12 meses	15.63%	12.74%	123%
fev-24	1.39%	0.80%	174%
jan-24	0.22%	0.97%	23%
dez-23	3.68%	0.90%	409%
nov-23	3.77%	0.92%	410%
out-23	-0.37%	1.00%	-
set-23	-0.37%	0.97%	-
ago-23	0.36%	1.14%	32%
jul-23	2.90%	1.07%	271%
jun-23	1.64%	1.07%	153%
mai-23	-0.02%	1.12%	-
abr-23	1.04%	0.92%	113%
mar-23	0.48%	1.17%	41%

Retornos anuais	Fundo	CDI	%CDI
2024	1.62%	1.78%	91%
2023	13.78%	13.05%	106%
2022	14.54%	12.37%	118%
2021	4.76%	4.40%	108%
2020*	5.54%	0.36%	1542%

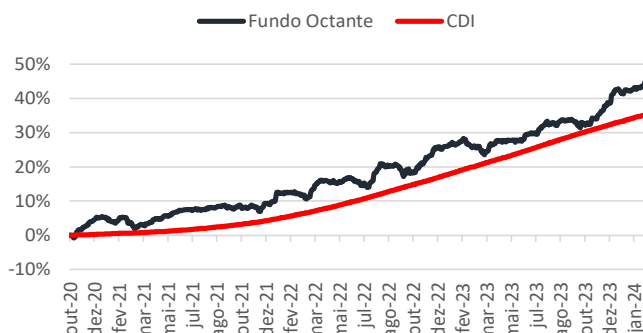
*desde 22/10/2020

PÚBLICO ALVO

O fundo se destina a receber, exclusivamente, aplicações de investidores qualificados.

ESTATÍSTICAS DO FUNDO

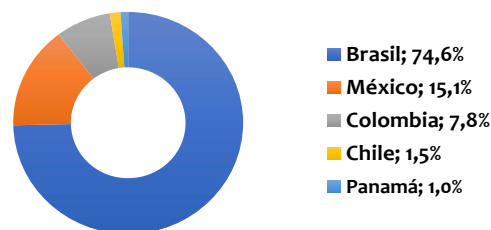
% de Meses de Retorno Positivo	68.3%
% de Meses de Retorno Negativo	31.7%
Volatilidade no Mês (Anualizada)	2.95%
Volatilidade 12 Meses (Anualizada)	3.63%
Índice Sharpe 12 meses	0.79
Valor da Cota em 29 de Fevereiro de 2024	6,344.91
PL em 29 de Fevereiro de 2024	62,168,649
PL Médio (12 meses)	61,559,537
PL do Master em 29 de Fevereiro de 2024	111,407,330
Yield da Carteira de Bonds em USD	7.86%
Duration Média Consolidada	5.45 anos

RENTABILIDADE HISTÓRICA

INFORMAÇÕES GERAIS

Investimento Mínimo	R\$ 250,000.00
Movimentação Mínima	R\$ 1,000.00
Taxa de Administração*	1,00% ao ano
Taxa de Performance	20% do que exceder 100% do CDI
Classificação Anbima	Multimercados Investimento no Exterior
Horário limite para aplicação	14:00 horas
Cota do Resgate	D+28 dias corridos
Pagamento do Resgate	D+2 da cotização
Banco	Itaú Unibanco (341)
Agência	8541
Conta	45546-8
CNPJ	35.727.113/0001-78
Favorecido	Octante Crédito Privado FIC II FIM IE
Gestor	Octante Gestão de Recursos Ltda
Administrador	INTRAG
Custodiante	Banco Itaú S.A.
Auditor	PWC
ISIN	BR05L4CTF000

*Taxa de administração total de 1.01% a.a., sendo 0.51% a.a sobre o Octante Crédito Privado II FIC FIM IE, acrescido de 0.50% sobre o Octante Crédito Privado Master FIM IE

As informações contidas nesse material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de crédito - FGC. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura e a rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Os fundos de crédito privado estão sujeitos a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração temporária, falência, recuperação judicial dos emissores responsáveis pelos ativos do Fundo.

COMPOSIÇÃO POR PAÍIS


Composição por país da carteira de bonds

COMPOSIÇÃO SETORIAL
